

Somos negras por natureza e que beleza

Eliad Dias dos Santos

“Alvo ainda mais que a neve.”¹

“O meu coração era preto,
mas Cristo aqui já entrou.
Com seu precioso sangue,
tão alvo assim o tornou.”

(autoria desconhecida)

Ainda me lembro da professora da Escola Dominical, com um coração dividido nas cores preto, branco e dourado, mostrando que, se aceitássemos e obedecêssemos a Jesus, nossa vida e o nosso coração não seriam mais pretos, mas brancos, bem branquinhos como a neve e Jesus Cristo. E tudo na nossa vida seria dourado!

Foi assim que cresci na igreja protestante metodista, sabendo que era ruim ser negra, preta, pobre e mulher, mas que mesmo assim Deus me amava e aceitava. Músicas e histórias que, infelizmente ouvi e aprendi quando criança, ainda são contadas e cantadas em muitas igrejas protestantes por aí.

É comum usarmos, nos cultos, o Hinário Evangélico, com hinos antigos, cantados não só na Igreja Metodista, mas também em outras igrejas protestantes. Em alguns deles, aparecem expressões como estas:

De treva densa um negro véu
O mundo envolve oculta o sol
A multidão invoca o céu.²

Naquela fonte eu banharei
Meu negro coração
Jamais seu sangue perderá
Sua alta estimação.³

Arrependo-me Senhor,
Tenho ao mal grande aversão,
Sinto n'alma negro horror,
Posso ter o seu perdão?⁴

Queres ir andando para o céu,
Ignorando todo o negro e denso véu?
Abre o coração, e deixa a Cristo entrar,
E o sol em ti raiar.⁵



Ilustração: Marcos Emionã Epega

Expressões como as que usa Djanira da Metralhadora, numa reportagem da *Folha de São Paulo* nos mostram como ainda hoje, nas igrejas, é ruim o preto, o negro. Na reportagem, Djanira conta como se tornou evangélica: “eu gostava da vida do crime; estava com o coração ‘preto’, com muito ódio dentro de mim”.

Hoje, consciente de ser negra e mulher, sou pas-

¹ *Hinário evangélico com músicas sacras*. Rio de Janeiro, 1980, nº 36, autoria Henry Maxwell Wright.

² *Hinário Evangélico* nº 30 [*Caudal de bênçãos*], autoria Rev. João Marques da Mota Sobrinho.

³ *Hinário Evangélico* nº 261 [*Fonte divina*], autoria Sarah Poulton Kalley (1825-1907).

⁴ *Hinário Evangelico* nº 265 [*Perdão*], autoria Rev. Jutus Henry Nelson (1894).

⁵ *Hinário Evangélico* nº 327 [*Confiança em Cristo*], autoria Antônio Querino Lomba (1877).

tora da mesma igreja, que fala que todos são iguais perante Deus. Mas chegar a ter consciência de que ser negra e mulher no protestantismo não é uma das tarefas mais fáceis. Você é chamada de moreninha ou escurinha em um espaço majoritariamente branco.

Infelizmente, na igreja metodista, não temos dados sobre cor ou raça, pois somos todos e todas 'iguais'. Acredito que nas igrejas protestantes tradicionais o número de negros e negras não seja superior a 45%.

O metodismo que chegou ao Brasil no século XIX. Veio do sul dos Estados Unidos. Junius E. Newman, missionário norte-americano, iniciou seu trabalho entre os sulistas que emigraram para o Brasil após a guerra civil americana. Foram atraídos para cá, entre outras razões, pelo fato de que ainda se podia praticar a escravidão no Brasil. O objetivo do missionário era atingir a população nativa, mas no Brasil do século XIX, devido à política da época, muitos imigrantes chegavam ao país, principalmente italianos e alemães. Segundo relato do historiador metodista Prof. Dr. Duncan Reily, *"esses imigrantes, longe de família e pátria, as antigas raízes familiares, sociais e religiosos cortadas, e carentes emocional, financeira e socialmente - tanto mereciam as atenções especiais da missão metodista como, não raro, se sentiam atraídos ao metodismo... Em 1903, o Presbítero Presidente Michael Dickie se queixou que a grande fraqueza da obra metodista riograndense era de que se compunha principalmente de alemães e italianos. 'O elemento puramente nacional era muito pouco atingido'... Especialmente no Rio Grande do Sul, há ainda traços destas origens estrangeiras mas, em geral, a grande maioria do trabalho metodista se processa com a população brasileira ou de fala portuguesa... Os metodistas não realizaram nenhum trabalho entre os escravos negros; deveras, o único trabalho evangélico do gênero que se conhece foi uma tentativa por C.A. Bowen, missionário batista que trabalhara entre os iorubá na África e que tentou trabalho entre escravos da mesma fala nas redondezas do Rio de Janeiro (c. 1860). Suspeitando de motivos abolicionistas, foi preso e logo voltou para os Estados Unidos. Mas se não houve nenhum trabalho metodista entre os escravos... há evidência de um significativo peso de negros nas congregações metodistas, o que sugere uma ligação estreita entre cor e pobreza. Em Cruz Alta, RS, o pastor conta que um crente, 'uma velha negra, que ganhava seu pão cotidiano por lavar roupas, teve suas mãos feridas por um prefeito cruel... que foi incapacitada para a vida toda...' A figura da lavadeira devia ser comum entre as metodistas. Uma outra imagem, conhecidíssima dos metodistas de Juiz de Fora é a 'Tia Mariana' [essa pelo menos tem nome!], fiel metodista negra que ganhava sua vida como*

*catadora de papel. Não é comum mas há evidência incontestável de pelo menos uma congregação metodista de negros, com sua capela própria."*⁶

Foi assim que negros e negras viraram metodistas. Muitos negros seguiam a religião de seus senhores ou se converteram à fé com os missionários que se dedicaram a atingir o povo 'nativo'.

Então, como adquirir uma consciência negra dentro deste mundo tão branco? Suspeitando, percebendo e tomando consciência das 'diferenças' de que nem todos são tão iguais! Há poucos líderes negros nas comunidades, em cargos como tesoureiros, presidentes de comissões ou ministérios. Esses cargos são quase sempre dos brancos. Mas nas cozinhas, nas preparações das festas, no serviços de limpeza, as negras e os negros estão sempre presentes.

Começamos, então, a participar dos movimentos negros, de palestras. Descobrimos o lado negro de ser, da vida. E renascemos ou, como se diz bíblicamente, "nascemos de novo". Vamos lutando, como podemos, como já sabemos, para que outros negros e negras 'adormecidos' ou 'embranquecidos' possam acordar do sono branco.

Infelizmente, para as mulheres negras, é ainda complicado despertar do sono. Como já sabemos, são as mulheres que mais abraçaram o cristianismo e toda a sua ideologia de sacrifício, pecado, salvação e até que somente um Deus, Pai, Senhor e um Jesus branco irão redimir suas vidas. Assim podemos imaginar a culpa e todo sacrifício que fazem as mulheres negras para expurgar suas culpas, por serem mulheres e negras?

Com o avanço da teologia feminista, com os grupos e movimentos de mulheres, muitas delas participando desses grupos, pudemos aliviar um pouco a carga de sermos mulheres negras.

Como diz a companheira, negra, teóloga, Silvia Regina, "chegamos de forma inesperada à mesa da teologia, para a qual não fomos convidadas!"⁷ Muitas de nós ao atingirmos a consciência de que não temos culpa, que não nos devemos sacrificar, ao descobrimos que Deus não é pai, nem mãe, nem branco e que aquilo que nos salva e liberta dos nossos 'deslizes' é a nossa vontade de viver e a nossa luta para vencer. Deparamo-nos com perguntas, inquietações, com as novidades,

⁶ Duncan Alexander Reily. "Os metodistas no Brasil (1889-1930)". In: *Ensaio: História, metodismo, libertação*. São Bernardo do Campo, Editeo, 1990, p.72-74; sobre o assunto veja a dissertação de Ezequiel Luiz de Andrade. *Metodismo e escravidão no Brasil (1835-1888) - Uma abordagem histórico-cultural da Igreja Metodista frente à escravidão*. São Bernardo do Campo, Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1995, 239p.

dores, frustrações, alegrias e esperanças. Ser mulher negra no protestantismo, no catolicismo, no feminismo e qualquer outro 'ismo' é não esquecer do que somos, do que queremos, do que acreditamos. Estamos formando, criando algo novo. Estamos dando luz a nós mesmas. Mas infelizmente muitas de nós, brancas ou negras, temos colocado remendos em novos panos já muito velhos e surrados. Temos feminilizado o patriarcado e sua teologia ainda existentes nas nossas igrejas, seminários e faculdades.

Novos ventos divinos estão soprando na vida de negras e negros protestantes. Aos poucos, vamos deixando de lado a vergonha de ter o cabelo crespo, duro, de sermos da 'cor do pecado', de pegar no atabaque e tirar um som 'diabólico'! Não somos mais alvos que a neve, nem nosso coração é preto, somos negras por natureza e que beleza! Continuamos sorrindo, chorando, lutando, acreditando num futuro totalmente negro para nós!

⁷ Silvia Regina de Lima Silva em conferência na IIª Consulta Eumênica Afro-Latina e Caribenha de 1994; texto a ser publicado.